

101 palavras para falar de livros

Quando escritores notáveis decidem escrever para jovens leitores, levanta-se a questão da diferença entre escrever para adultos, para jovens ou para crianças. Será que os escritores enfrentam a escrita considerando a idade do público leitor, ou o processo desenrola-se naturalmente? No conjunto das inúmeras condicionantes da produção literária haverá uma atenção especial ao conteúdo e personagens, à linguagem ou à composição atendendo aos efeitos possíveis sobre um leitor cuja personalidade está em formação, e é facilmente permeável a influências? O que nos dizem os escritores?

David Machado, com obra publicada para todos esses públicos, menciona que a diferença reside no momento em que tem a ideia. *Quando tenho uma ideia, identifico logo se ela vai resultar como uma história para crianças ou para adultos. A partir do momento em que seleciono um dos gêneros, não há grande diferença. É tudo contar uma história. E não facilito muito quando estou a contar uma história para crianças, percebo é que a ideia e o universo que consigo criar em volta da ideia vão ao encontro do universo das crianças*¹.

José Saramago, em *A Maior Flor do Mundo*, destaca a importância da linguagem quando declara no início da obra que *As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples...*, destaca a dificuldade de tal tarefa, *Quem me deu a saber escrever essas histórias...* e enfatiza a dimensão do conteúdo ao sugerir a intenção pedagógica da história, com a seguinte questão: *E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?*

Luísa Ducla Soares, reservando a sua preocupação criativa na área da literatura infantojuvenil, reforça a preocupação com a linguagem porque *escrever para crianças também obriga a muita disciplina mental, a fazer escolhas de palavras e de formas de falar. De certo modo, é mais fácil escrever para adultos do que para crianças*. E acrescenta que procura abordar *temas (...) interessantes para as crianças e transmitir-lhes determinados valores, como o conhecimento da língua, o desenvolvimento da imaginação e da criatividade*².

Poderíamos aqui registar outras vozes, outros pareceres igualmente significativos, mas encerramos esta introdução com **Mário Vargas Llosa** que declara que *é muito mais difícil escrever para crianças do que para adultos*, mas (...) acredita numa *necessidade urgente de projetos que fomentem a literatura para os pequenos, uma vez que, possivelmente, é essa a única saída para evitar o empobrecimento das próximas gerações*. (...) *Somente com a boa literatura adquirimos a sensibilidade, o poder imaginativo, aprendemos a confrontar nossos desejos e anseios e, fundamentalmente, a formar um espírito crítico sobre o mundo em que vivemos e estamos construindo*³.

**A praia de noite**

Autor: Elena Ferrante

Ilustração: Mara Cerri

Tradução: Margarida Periquito

Relógio D'Água Editores, maio de 2016

Celina é a boneca de Mati, uma menina de 5 anos, que fica esquecida numa praia, preterida por um gatinho muito fofo. Sente-se abandonada, revê o ambiente confortável em que viveu até então, enquanto é vítima da crueldade do *Banheiro Cruel do Sol-Posto* armado do *Grande-Ancinho*, que a trata como lixo e a violenta tentando lucrar com a sua venda e a maltrata, retirando-lhe identidade, pegando-lhe fogo. É o tema do abandono numa obra dirigida a crianças, em que a solidão e a violência envolvem o leitor num ambiente de melancolia, tristeza e angústia, fre-

quentemente abordado nas obras adultas de Elena Ferrante.

Ajudar jovens leitores na apropriação e fruição desta obra é um desafio ao professor mediador de leitura. Como abordar a profundidade do conteúdo e a excelência de um discurso num contexto de leitura partilhada? São frequentes os simbolismos emergentes de um texto que leva o leitor a parar na leitura, a pensar e a descobrir, a reler, a saborear... Eis um ponto de partida para ler esta obra na escola: falar de emoções e conversar sobre os livros que lemos em sala de aula, na biblioteca ou num jardim à

¹ <https://observador.pt/2014/06/19/david-machado-procura-absurdo-na-vida-adulta/> David Machado, 19 maio 2021.

² <https://visao.sapo.pt/atualidade/cultura/2020-06-27-de-certo-modo-e-mais-facil-escrever-para-adultos-do-que-para-criancas/>

³ <https://www.amazon.com.br/Fonchito-lua-Mario-Vargas-Llosa/dp/8539002019>

sombra de uma árvore durante um clube de leitura, enquanto “trabalhamos”, de forma muito natural, as inferências que nos levam além do texto.

O Banheiro Cruel e o Grande Ancinho já se apoderaram do meu nome e agora querem também roubar-me todas as palavras da Mati. Passarei a ser uma estúpida boneca muda, ou uma boneca que diz sempre e só as mesmas palavrinhas gravadas?

Mati, mãezinha, onde estás?

Sou a tua boneca, não me abandones.

Mati, olha que se não vieres já salvar-me, se deixares que eu me queime, eu choro. (p. 25)



Fonchito e a Lua

Autor: Mario Vargas Llosa

Ilustração: Marta Chicote Juiz

Tradução: Carla Maia de Almeida

Editorial Presença, maio de 2021

É um pequeno romance de amor, uma história clássica em que o herói tem de realizar uma prova para merecer um beijo de Nereida, a menina mais bonita da turma. Fonchito tem de ir buscar a Lua para a depositar aos pés da sua amada. Mas como agarrar a Lua tão distante e tão esquiva na cidade de Lima, onde tão raramente surge no céu coberto de nuvens na maior parte dos meses do ano? Nas histórias tradicionais, a prova implica riscos físicos, ajudantes e oponentes, e a resolução de enigmas com risco de vida, mas esta é uma história de hoje, dos nossos dias em que a inteligência e a imaginação são ferramentas poderosas. Em sala de aula, antes de apresentarmos o final aos nossos leitores, vamos colocá-los no lugar do herói, levando-os a encontrarem as soluções possíveis para o final feliz. Sim, porque Fonchito recebeu o beijo tão desejado enquanto *perguntava a si mesmo se o coração de Nereida lhe batia no peito com tanta força como o seu.*

Nereida corou ligeiramente, olhou para ele, muito séria, e então respondeu:

–Podes, se fores buscar a Lua para me dar.

Fonchito ficou triste e desanimado. Nereida nunca deixaria que ele a beijasse. Não era isso que aquela resposta queria dizer?



Felizmente as árvores são grandes

Autor: Maria Judite de Carvalho

Organização: Inês Fraga

Ilustração: Cátia Vidinhas

MINOTAURO, S. A. setembro de 2021

São poemas de Maria Judite de Carvalho que nos vêm de longe no tempo, renascidos da vontade de uma neta que os reencontrou num caderno *Castelo*; alguns inéditos, outros há muito tempo publicados num jornal que já não existe, o *Diário de Lisboa*, sob o pseudónimo de Emília Bravo.

São poemas gerados no quotidiano, do saber olhar e ver o que está perto e o que está longe. Cada um pode ser a entrada para falar de coisas belas e profundas, ou pode ser um convite para escrever versos *à maneira de...* Podemos falar da futilidade da *Menina Tonta*, da visão e da dimensão do mundo em *Os óculos* e em *Mais ou menos*, da rejeição em *O cão vadio*, da tolerância e da diferença em *O astronauta*, do cheiro e dos sons das estações em *Fim de férias* e em *Domingo de inverno...*

No momento da escrita, podemos partir para a definição das coisas que estão ao alcance das nossas mãos usando como inspiração poemas como *O Dicionário*, (...) *um senhor gordo que a tudo respondia*; *o elevador que para no andar onde mora a Lua*; *A Terra* (...) *um grão de pó redondinho, à luz da lâmpada sol do candeeiro*; ou *A Lua* (...) *uma casa lá no céu pendurada*...

Podemos também passar a descrever os animais lendo *O cantor*, *o cão que fala da Lua* (...) *e ninguém percebe*, ou recitando *O rei*, *o gato* (...) *que mia – o que foi?* *Que pula – (...)*, ou desenhando *A aranha* que, *no arame da sua teia vai e vem, para, passeia*...

É uma obra generosa, estes versinhos para crianças...

A menina e a flor

*A menina vê-se ao espelho
e o espelho vê-se à menina.
A menina cheira a flor
e a flor cheira a menina
porque ambas são uma flor.
Não é verdade, mãe da menina?
Não é assim, mãe da flor?*

Não te afastes

Autor: David Machado

Ilustração: Alex Gozblau

Editorial Caminho, 2.^a edição (reimpressão): março de 2021

Como é que uma cria de rinoceronte pode ser amiga de Tomás, um jovem atormentado pela culpa da morte do pai que, convencido de que traz o mal a todos com quem se relaciona, foge de casa e vai para a cidade? Como se encontram estes dois seres? Como se relacionam? Porque ficam juntos? O que resulta de tal relação?

Para criar mais expectativa na história, tudo se passa num cenário de catástrofe. Na cidade, tudo corre mal a Tomás: roubam-lhe a mochila com todos os seus haveres, foge de dois delinquentes que lhe tentam roubar o telemóvel, enquanto procura sobreviver a um furacão. Arrastado pela água lamacenta carregada de destroços, liberta uma cria de rinoceronte que tinha sido roubada de um ZOO para ser vendida e, mais tarde, utilizada como presa para caçadores clandestinos.

Desenvolve-se, então, uma estranha relação entre Tomás e a cria, que culmina numa situação de socorro de uma criança soterrada e no regresso a casa.

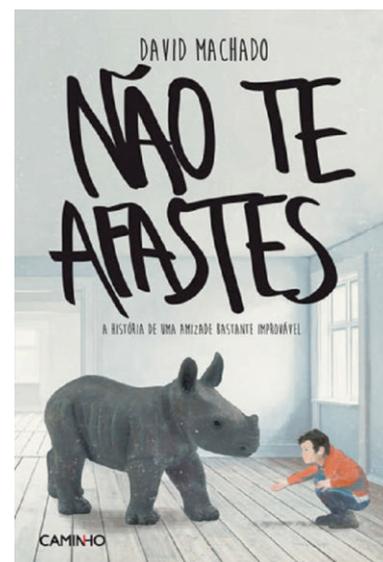
É uma história cheia de episódios, uma aventura com heróis e vilões em que tudo acaba bem, até porque Tomás começa a entender como funciona a ordem natural das coisas, a sucessão de causas e consequências e reconcilia-se com a vida.

Basta uma apresentação entusiasmada desta obra para mobilizar uma leitura individual em casa. Na aula, seria interessante propor uma pesquisa sobre a exploração de animais exóticos (e não só) retirados do seu *habitat* e colocados em cativeiro para entretenimento humano, como ponto de partida para um debate sobre o tema.

Olhou também para o nevoeiro e depois para o rinoceronte ali mesmo ao lado. Escutou a sua respiração cavernosa. O bafo que soltava das narinas era como fumaça de uma fogueira. Nunca se havia aproximado tanto do animal. Mas não sentiu medo. Pensou tocar-lhe na pele cinzenta e tão rugosa. E só não o fez por receio de o assustar.

— Estás triste? — perguntou.

O olho do rinoceronte fechou-se por meio segundo. Tomás quis abraçá-lo.





No alto da árvore

Autor: Margaret Atwood

Ilustração: Margaret Atwood

Tradução: Margarida Vale de Gato

Ponto de Fuga, novembro de 2020.

1.^a edição portuguesa (bilingue), publicada mediante acordo com a Groundwood Limited, Toronto, Canadá, e a Casanovas & Lynch Literary Agency

Há diversos fatores de interesse para a abordagem desta obra. Margaret Atwood apresenta-a como um álbum desenhado em 1978, nos primórdios dos livros para crianças publicados no Canadá. Criado, escrito e desenhado pela própria autora foi impresso a duas cores para poupar nos custos. Esta versão portuguesa foi composta com a letra da tradutora. Além disso, é um livro para ler em dois sentidos, ou seja, temos de o virar de pernas para o ar, conforme o queiramos ler em português ou em inglês. Desde logo estas informações podem constituir um bom ponto de partida para falarmos sobre a criação,

edição e produção dos livros, um conhecimento que, na nossa opinião, deve fazer parte do “ofício” de leitor.

Mas falemos do que se passa No Alto da Árvore. Duas crianças e um mocho vivem felizes nos ramos de uma árvore, mesmo quando o vento sopra ou a chuva cai. Certo dia, alguém lhes leva a escada, o que parece condená-los a viverem a vida eterna no cimo da árvore privando-os de todas as outras coisas boas que tinham: as pessoas para falarem, o espaço para correr, o chá e as filhós para comer... Mas não é preciso uma escada quando há um amigo voador que os leva ao chão e uma boa ideia para os fazer voltar à árvore, basta inventar e construir uma SUBIDEIRA. O que será isso? O que fizeram as crianças?

*Como é que a gente desce?
Oh, como se chega ao CHÃO?
Será que vamos viver numa
PERPÉTUA prisão nesta
ABOMINÁVEL ÁRVORE?*